

Mensagem do Secretário Executivo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

As minhas primeiras palavras são de saudação a todos os participantes neste 7º Encontro dos Arquitectos dos Países de Língua Portuguesa, esperando que destes trabalhos saiam linhas de acção que possam projectar tão importante actividade profissional, para os planos que anseiam e que os nossos países precisam.

Quero também saudar o CIALP, instituição que constitui, em si própria, como mais uma resposta inequívoca da sociedade civil a esta realidade que se chama Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e a cujos destinos tenho dado o melhor que posso e sei, desde a sua fundação, até hoje.

Num momento tão importante em que cada vez mais se fala na necessidade de crescer e desenvolver, tenho para mim que o papel dos arquitectos é da maior importância, porque são eles que podem interpretar, em cada obra, as necessidades mais objectivas das cidades, conjugando-as com as matrizes culturais dos nossos Sete Povos.

Por esta razão, acho particularmente feliz o tema escolhido para este 7º Encontro: «Dinâmica Transcultural da Arquitectura». Modestamente, penso que V. Excias vão ter muito que trabalhar, sobretudo, porque se propõem discutir a melhor forma de conjugar a preservação do património edificado e da memória das cidades, com as necessidades de crescimento, nos espaços multiculturais, como é o caso dos nossos sete países. Felicito-os pela escolha e desejo que este encontro corresponda às vossas expectativas. Se me permitem, eu próprio tenho expectativas ambiciosas, em relação aos resultados deste conclave.

A Arquitectura e o Urbanismo são, sem dúvida, o primeiro contacto de qualquer visitante com a cultura do País que o recebe. E essa foi, por certo, a razão que levou muitos ditadores a criar uma «arquitectura de regime», como primeiro e, às vezes, único traço de identidade. Em Portugal e nos cinco países africanos da CPLP, o regime de Salazar também não conseguiu escapar à tentação de criar uma arquitectura única.

Não me sinto em condições de produzir juízos de valor, embora siga com muita atenção a polémica que ainda hoje se trava, à volta desta questão. Mas uma coisa queria aqui deixar claro: a competência, a criatividade e o talento de muitos arquitectos conseguiu sempre impôr-se,



mesmo em obras que o regime carimbou, como suas. Isso enriqueceu as nossas cidades.

Gostava ainda de recordar que, no espaço da lusofonia, a guerra tem feito estragos e, hoje, tanto Angola como a Guiné-Bissau têm pela frente tarefas de reconstrução nacional que, obviamente, passam pela recuperação da malha urbana de grandes cidades. Espero o esforço empenhado dos arquitectos da lusofonia nesta tarefa.

Finalmente, deixo um pedido, provavelmente, desnecessário: não esqueçam Timor-Leste, onde a vossa presença como associação e como profissionais é requerida. Estou convencido que, em breve, aquele território passará a ser o oitavo membro da CPLP. Desde Julho do ano passado que Timor já é observador convidado da CPLP, estatuto que lhe foi atribuído pela Cimeira de Chefes de Estado e de Governo dos Sete. Quer isto dizer que todos adquirimos responsabilidades, no esforço de edificação de uma nova Nação.

VII Encontro do CIALP

(MACAU - 15 a 19 Junho 99)

Congresso Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa

Programa de actividades

"A Dinâmica Transcultural da Arquitectura"

Período	Data	15 Junho 1999 (3ª. Feira)	16 Junho 1999 (4ª. Feira)	17 Junho 1999 (5ª. Feira)	18 Junho 1999* (6ª. Feira)	19 Junho 1999 (Sábado)
Parte da Manhã		Registo e Inscrição dos participantes	09:00 - 11:45 Reunião dos delegados das Secções Nacionais 12:15 - 13:00 Cerimónia de abertura do 7º Encontro no Salão Nobre do Leal Senado, presidida por S. Exas o Governador de Macau, Presidente do Leal Senado e Presidente do CIALP	09:00 - 10:30 Sessões de trabalho (com apresentação de um diaporama retrospectivo sobre Macau pelo Gabinete de Comunicação Social) 10:30 Pausa p/ café 11:00 - 12:30 Sessões de trabalho	09:00 - 10:30 Sessões de trabalho 10:30 Pausa p/ café 11:00 - 12:30 "Tun Ng / Barcos Dragão" 12:30 Delegado da UIA/Pequim	09:00 - 12:30 Assembleia Geral Ordinária do CIALP 10:00 Visita guiada pela Direcção dos Serviços de Turismo (DST) para os participantes
Almoço (13:00/14:20)	(livre)		"Chã Gordo"	"Lusitano"	"Lusitano"	"Chinês"
Parte da Tarde		Registo e Inscrição dos participantes	14:20 Concentração (átro do LS) 14:30 Passeio pelo centro histórico 18:00 Reunião (S. Nacionais)	14:30 - 16:00 Visita às ilhas (Taipa e Coloane) 16:30 Visita à Câmara das ilhas com passeio	14:30 - 16:00 Sessões de trabalho 16:00 Pausa p/ café 16:30 - 18:00 Sessões de trabalho	14:30 Tarde Livre 18:00 Cerimónia de encerramento no Hotel Mandarin
Jantar (19:00)	(livre)		"Macaense"	"Chinês"	"Macaense"	"Chinês"

* feriado oficial do "Tun Ng" ou "Barco Dragão"

Programas das visitas

Dia 16 (4ª feira)

Passeio pelo centro histórico

13:00 - 14:20 - refeição típica "Chá Gordo" no Leal Senado de Macau — 14:20 - concentração no átro do Leal Senado - 14:30 - 17:30 - passeio pedonal pelo centro histórico passando por: Largo do Senado (CTT/Santa Casa da Misericórdia/DST); Largo de São Domingos (Igreja / Torre Prestamista / Mercado de São Domingos); Largo da Sé (Sé/Colégio Diocesano São José/Paço Episcopal); Rua S. Domingos ou "Rua das Mariazinhas" (Livraria Portuguesa e Teatro Capitol); Rua da Palha - Rua de S. Paulo - Largo de S. Paulo (Ruínas de S. Paulo / Fortaleza do Monte); Rua de Santo António - Largo de Santo António (Igreja); Beco dos Faltões - Rua da Tercena - Rua de Nossa Senhora do Amparo (Rua dos "Tintins"); Rua dos Mercadores (Mercado de São Domingos); Largo do Senado.

Dia 17 (5ª feira)

Visita às ilhas

(Taipa e Coloane) e à Câmara Municipal das Ilhas (CMI)

13:00 - 14:20 - almoço no restaurante "Lusitano", Centro de Actividades Turísticas (CAT) - 14:20 - 14:30 - concentração no exterior do CAT (recolha pelos autocarros da CMI) - 14:30 - partida dos autocarros para visita às ilhas da Taipa e Coloane - 14:30 - 15:30 - trajecto via Ponte da Amizade (ponte nova) passando; Na Taipa:

Central de incineração e ETAR - Aeroporto Internacional de Macau - Istmo Taipa-Coloane (Cidade de Cotal / Ponte Flor de Lótus); Em Coloane: Westin Macau Golf & Country Club Resort Praia de Hac-Sa (Praia da Areia Preta) - Vila de Coloane - visita ao Largo da Igreja, Jardim Eduardo Marques - Centro de Instrução Conjunto das FSM, Parque de Seac Pai Van - Kartódromo de Macau - Istmo Coloane-Taipa - 15:30 - 16:15 - visita ao Posto Operacional dos Bombeiros da Taipa (guiada pelo colega Adalberto Tenreiro) - 16:30 - 17:00 - visita à CMI (apresentação de cumprimentos ao Presidente da CMI) - 17:00 - 17:20 - visita pedonal desde a CMI até ao Largo do Carmo (recolha pelos autocarros da CMI) - 17:30 - partida dos autocarros para a Universidade de Macau - 17:40 - 18:25 - visita à Universidade/Biblioteca (guiada pelo colega Mário Duque) - 18:30 - partida para Macau /Hotel New World Emperor (recolha pelos autocarros da CMI) - 19:15 - partida para Taipa/Hotel Hyatt (recolha pelos autocarros da CMI) - 19:30 - jantar chinês no hotel Hyatt oferecido pela CMI (com o presidente da CMI) - 23:00 - partida para Macau /hotel New World Emperor (recolha pelos autocarros da CMI).

Dia 18 (6ª Feira)

deslocação às finais das corridas internacionais dos "Barcos-Dragão"

(detalhes a definir de acordo com o programa do evento)

Dia 19 (Sábado)

visita guiada pela Cidade, oferecida pela Direcção dos Serviços de Turismo (DST)

09:45 - 10:00 - concentração no exterior do CAT (recolha pelos autocarros da DST) - 10:00 - partida dos autocarros para a visita pela Cidade passando na: Ermida de Nossa Senhora da Penha, Templo A-MA (Museu Marítimo), Porto Interior, Av. Almeida Ribeiro, Rua do Campo, Ruínas de São Paulo - 11:15 - 11:45 - visita ao Museu de Macau (Fortaleza do Monte) - 12:00 - 12:45 - visita aos Museus do Grande Prémio e do Vinho (prova de vinhos) - 13:00 - 14:20 - almoço chinês no restaurante Plaza oferecido pela DST.

Notas:

- 1) estes programas poderão ainda sofrer alterações pontuais
- 2) alguns programas de visitas poderão condicionar o número de participantes pelo que é importante o registo atempado dos mesmos
- 3) encontra-se em estudo a hipótese de uma visita "arquitectural" na tarde de sábado e que dependerá sobretudo da possibilidade de alguma entidade facultarem o acesso aos edifícios durante o fim de semana.

Macau em Junho

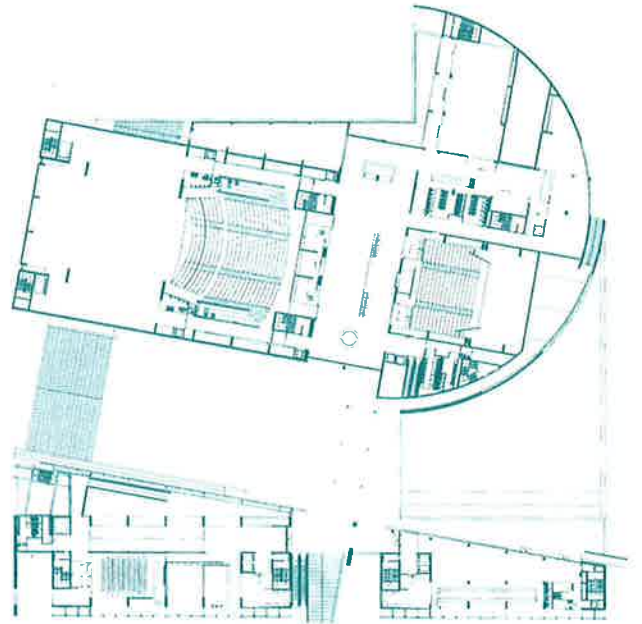
Deverá ser este 7º Encontro CIALP de Macau, a realizar entre os próximos dias 15 a 19 de Junho, um dos mais participados, prevendo-se a comparência de todas as delegações.

Não se conhecendo ainda o nome dos Colegas que provavelmente virão de Goa e Timor, independentemente de todos os outros participantes dos mais diversos países lusófonos, estarão em Macau os Presidente, Vice-Presidente e Secretário Geral da Junta Directiva do CIALP, eleita no último Encontro de Luanda, respectivamente os Colegas **José Silva Carvalho** (Portugal), **Domingos Fernandes Gomes** (Guiné-Bissau) e **António Gameiro** (Angola) e, ainda que sujeito a alterações pontuais de última hora, em representação das respectivas delegações, os seguintes Colegas:

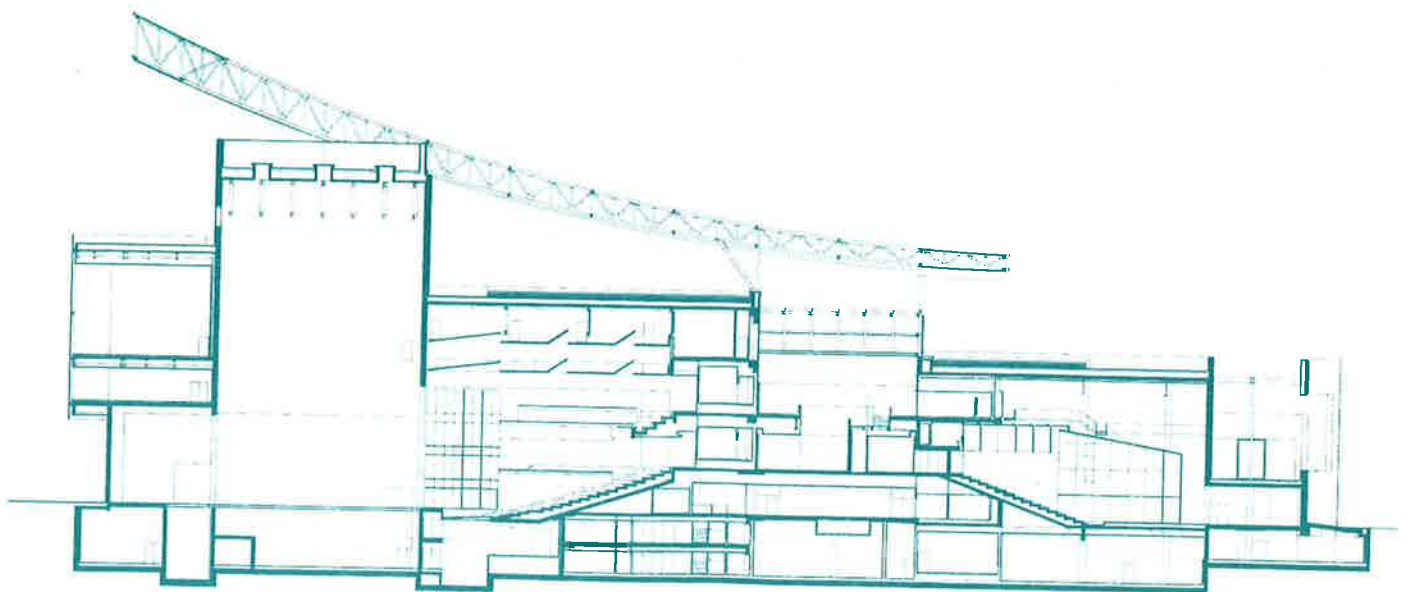
Angola - **Fernando Castelhana e Gaspar Diogo da Silva**; Brasil - **Carlos Maximiliano Fayet e Luís António de Sousa**; Cabo Verde - **Franklin Tavares e Carlos Hammelberg**; Guiné-Bissau - **Fernando Teixeira e Adolfo Ramos**; Macau - **Carlos Marreiros e Mário Neves**; Moçambique - **Jaime Comiche e João Tique**; Portugal - **Olga Quintanilha e Alexandre Alves Costa**; São Tomé e Príncipe - **Alexandre d'Alva e Elisa Nora Rizzo**

Dos trabalhos preparatórios do Encontro, assim como do seu conteúdo e eventuais princípios conclusivos mais importantes se fará nota no próximo Boletim.

Apela-se, entretanto, a todos os Colegas a uma participação activa neste 7º Encontro do CIALP em Macau, cuja data, como é já do conhecimento público, foi determinada em conjugação com o XXº Congresso da UIA, em Pequim, que se realizará na semana seguinte, entre os dias 23 e 26 de Junho.



Planta do Centro Cultural de Macau



Corte Longitudinal

CENTRO CULTURAL DE MACAU, in arte&construção edição especial Macau 1999, parte integrante da edição nº 100



apoio do território de Macau, através da
Associação dos Arquitectos de Macau



INSTITUTO PORTUGUÊS DO ORIENTE
東方葡萄牙學會



GRI gabinete das
Relações Internacionais

O VII Encontro Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa

Realizar-se-á em Macau, já em Junho próximo, o "VII Congresso Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa (CIALP)". Expresso daqui a todos os participantes, e em nome da Associação dos Arquitectos de Macau (AAM), os desejos de boas-vindas a este encontro internacional que reunirá representantes das associações locais e nacionais, unidos na procura, troca e debate da experiências que contribuam para o enriquecimento colectivo da arquitectura que produzimos e, em geral, para a melhoria das condições urbanas das nossas cidades.

Em tempos as cidades (e os seus legados patrimoniais o comprovam) cresciam com uma "patine" deixada por chegadas sucessivas e diferentes culturas que, em conjunto, caracterizam uma entidade social e consolidavam uma memória da cidade. Contudo, com a chegada do novo milénio, as forças civilizadoras, que as cidades possuem, parecem estar a perder a capacidade de funcionar em defesa daqueles que ainda se orgulham de ali viver. A cidade deixa de ser governada por dentro e as decisões concentram-se algures, as comunicações assumem-se através de sistemas virtuais, o conceito de cidadania adquire um novo sentido, o território vivencial e o território da cidadão deixam de ter o mesmo significado e passam a partilhar espaços diferentes. E, no entanto, são nestas "novas cidades" que surgem novos fenómenos de solidariedade e de coesão social, novas atitudes culturais!

É, também, dentro deste sentido de contemporaneidade que o Território de Macau se tem orientado e desenvolvido, procurando integrar os presen-

tes valores humanísticos na organização política do seu espaço urbano, através de acções conducentes a factores equilibrados de miscigenação social, de uso dos espaços construídos, de difusão cultural, de apoio aos necessitados e de debate democrático a todos os níveis da vida local. São esforços quotidianos, nem sempre fáceis, porque se tratam de acções que na maior parte dos casos se confrontam, infelizmente, com movimentos que afectam as nossas sociedades e, numa escala maior, o nosso planeta como um todo. Tratam-se de questões que apelam a uma discussão mais ampla pela própria classe.

É por estes motivos que a AAM se congratula por este VII CIALP ter escolhido como tema do seu encontro "A dinâmica transcultural da Arquitectura" onde serão debatidos estes fenómenos dinâmicos, estas novas fronteiras e atitudes culturais, de renovação e gestão dos espaços construídos e, sobretudo, onde serão trocadas experiências que, apesar de comungarem de uma língua comum, representam oito países-regiões específicas e geograficamente disseminadas por quatro continentes.

Será, decerto, com o maior interesse que a população de Macau acompanhará o desenrolar deste encontro e os debates previstos e, assim, como, saberá receber da melhor forma todos os intervenientes.

Bem vindos a Macau!

Macau, em Maio de 1999, no ano chinês do Coelho.

Mário Filipe Neves, Arq.
Delegado do CIALP / AAM (Macau)





Panorâmica de Luanda desenhada em 1816, in Luanda - Estudo de Geografia Urbana, Ilídio do Amaral, JIU, Lisboa 1968

Breve reflexão sobre o tema “A Dinâmica Transcultural da Arquitectura”

Desde a sua fundação, todos os anos, de país em país, membros do CIALP, arquitectos destes mesmos países têm-se reunido à volta da mesma mesa para discutirem diversos temas de interesse para a classe.

Estes encontros, para além de se procurarem formas de cooperação, perseguem também outros objectivos devesas importantes, que é o de promover o intercâmbio cultural e troca de experiências adquiridas no exercício da profissão.

A este propósito quer-me parecer que o tema escolhido para o encontro que terá lugar brevemente em Macau - “A Dinâmica Transcultural da Arquitectura”, se revela muito feliz e de extrema importância, enquadrado-se perfeitamente naquilo que pretende ser o espírito do CIALP, ou seja um fórum de “Acção Cultural” em que, apesar da diversidade cultural e até da multicontinentalidade das representações com assento no CIALP, temas relativos à Arquitectura e Urbanismo, praticados em cada um dos países membros, são discutidos de forma globalizada, deixando-se um pouco para o segundo plano aspectos de identidade cultural que podem estar subjacentes à concepção arquitectónica.

Este tema, a meu ver, poderá permitir este ano um tipo de discussão diferente, mais diversificada e particularizada do que globalizada e depois, sim, procurar elos de ligação que sempre existem nas diferenças.

Penso ser importante este tipo de análise para se encontrar a transculturalidade em cada uma das nossas arquitecturas porque apesar da língua comum e de séculos de história forjadas, grande parte delas, em conjunto é importante não se perder de vista que cada povo é um povo com a sua própria identidade cultural que se foi formando e influenciada também pelo nosso “Habitat”.

Sendo assim, se consideramos a arte uma das mais expressivas formas de manifestação cultural, nós os Arquitectos temos obrigação de não deixar que estas manifestações culturais se limitem só ao campo da música, dança, artesanato, pintura, literatura, etc., visto que, não obstante toda a carga técnica e ambiental que envolve a concepção arquitectural e urbanística, ela é também uma criação artística e como tal é da nossa responsabilidade fazer da Arquitectura uma forma de manifestação cultural.

Faço votos que o Encontro de Macau faça reviver o espírito da cultura na Arquitectura.

Adolfo Nicolau Ramos, Arqto
Delegado do CIALP / UAGB (Guiné-Bissau)

A Transculturalidade

Com o tema do seu VII Encontro em Macau, “A Dinâmica Transcultural de Arquitectura”, o CIALP lança um desafio apropriado aos fundamentos da sua organização que, acercando-se da ideia de um legado cultural comum, baseado na língua Portuguesa e cimentado através da História, tenta, neste finais do século XX, debater e reconhecer, questões que dizem respeito aos Arquitectos.

A ideia de profissão de Arquitecto foi sedimentada na Europa desde a Antiga Grécia. Mas não podemos deixar de lembrar que o Antigo Egipto já contou com sacerdotes - arquitectos como Imhotep (a. 2800 A.C.) ou Semmut (séc. XV A.C.), e que o conceito de projecto era plenamente conhecido, facto do qual decorre a existência do Arquitecto.

Nem todas as culturas e civilizações do nosso Planeta e ao longo dos séculos e milénios, apostaram na Arquitectura. Uns criaram cidades sofisticadas, palácios e templos demonstradores dos poderes divino e temporal (muitas vezes confundidos), outros ocuparam simplesmente os seus territórios com estruturas arquitectónicas rudimentares ou mesmo quase inexistentes como alguns povos índios do Brasil estudados por Lévi - Strauss.

Quando os Portugueses chegaram à Índia, encontraram uma civilização tão ou mais sofisticada do que a europeia, mas na qual os conceitos fundamentais para a Arquitectura não eram coincidentes. A aposta ocidental na valorização do espaço interior não tinha correspondência na aposta essencialmente urbana do espaço arquitectónico no sub continente.

A China dos Ming e, mais tarde, dos Ching, continuava, nessa altura, uma Arquitectura que combinava a extensão horizontal das suas grandes cidades e composições palacianas, com os pavilhões de nítida origem rural e simples lógica construtiva, cuja influência, séculos atrás, sobre o Japão, originou, neste país, uma admiradíssima arquitectura, pelos ocidentais, ao ponto de ser uma das mais fortes raízes das opções do Movimento Moderno, na Europa, quer directamente, quer através do genial arquitecto americano que foi Frank Lloyd Wright.

Em África, os portugueses construíram a quase esquecida Luanda dos séculos XVII e XVIII, a maior cidade de origem ocidental a sul do Saara até ao século passado, cuja prosperidade económica se deveu ao facto de ser porto de escravos que, ao chegarem ao Brasil, participaram na construção de uma das mais fortes componentes culturais deste país de mestiçagem : a africana. E até que ponto se instalou uma vertente africana na Arquitectura do Brasil ?

No século passado e, sobretudo, no que agora finda, os processos comunicacionais desenvolveram-se com uma rapidez extraordinária. A evolução tecnológica e científica impôs os pontos de vista ocidentais. Mas assistiu-se à mistura cultural que alterou o desequilíbrio que se verificava há cem anos. Hoje o Planeta é bem “mais pequeno” a partilha é um princípio universalmente aceite.

Por exemplo, se o modelo urbano americano acabou por influenciar todo o Mundo com o seu centro de negócios vertical, ele parece ter-se cumprido radicalmente no Extremo Oriente. Xangai, Singapura, ou mesmo Macau, explodiram para cima, de um momento para o outro, mas com especificidades próprias onde se misturam condições próprias e ancestrais do habitar urbano, com as últimas técnicas de comunicação, transportes e construção.

Servem estas breves reflexões para perspectivar a dimensão da “Transculturalidade” em Arquitectura, o amplo e complexo tema do VII Encontro CIALP, cujo aprofundamento em termos da Disciplina da Arquitectura muito ajudará os Arquitectos dos respectivos países a situarem-se simultaneamente no seu local de actuação, no Mundo da Lusofonia e neste Planeta cada vez mais pequeno.

Michel Toussaint Alves Pereira, Arqto



Proposta para debate sobre o posicionamento da OA no quadro das relações com países de língua oficial portuguesa

- 1. Independentemente da importância das relações de Portugal com cada um dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) que poderá ser analisada numa fase seguinte deste processo de esclarecimento, o certo é que no quadro dos PLOP é correcto e prático vislumbrar uma relação triangular polarizada em Portugal, Brasil e PALOP que, para além da língua e de alguns valores culturais e ela associados protagonizam realidades geo-económicas, e também alguns interesses, distintas(os).
- 2. Não há dúvida que a comunhão de uma identidade cultural expressa em três ou mesmo quatro continentes é um bem que ultrapassa esse valor identitário e pode, ou deve, ter uma validade estratégica para o desenvolvimento em sentido amplo desses povos, assim irmanados, numa perspectiva de longo prazo. A arquitectura monumental e a do quadro de vida são duas vertentes da dimensão cultural herdada, a salvar e a promover, ainda que tenham hoje de expressar os diferentes cenários que as realidades geo-económicas propiciam e justificam.
- 3. Nesta perspectiva cada uma das entidades directa e indirectamente responsáveis pela vertente da cultura arquitectónica, como é o caso da OA, deve estar atenta à preservação e valorização do património comum, antigo e novo, que for eleito como tal.
- 4. Das considerações feitas retira-se que há que trabalhar com o património aceite como comum, designadamente o arquitectónico e a língua, e com objectivos de desenvolvimento a ele associados, já que aquele património e estes objectivos parecem ser aceites em amplo consenso como verdadeiros e úteis. Esta redução cautelosa aponta para se trabalhar com um conjunto muito restrito de temas e de acções, no entanto, valioso, incontroverso e desejado porque ligado ao núcleo da referida identidade cultural comum.
- 5. Pensando certamente na arquitectura isto significa que medidas mais operacionais que ligam os objectivos gerais de conteúdo cultural com os objectivos práticos da produção arquitectónica, seja no campo da formação, no da documentação técnica e mesmo no do exercício da profissão, devem sair desta relação triangular de Portugal, Brasil e PALOP, por ser mais formal e pesada, e estabelecer-se por relações bi-laterais.
- 6. Deste modo, haverá que propor e acordar com os parceiros dos PLOP a definição das principais, e desejavelmente poucas, linhas de acção a implementar. Para este efeito sugerem-se seis, em que as primeiras quatro são linhas a longo prazo, a penúltima é uma iniciativa de médio prazo, a substituir por outra similar logo que concluída, e a última está há muito em curso:
 - a) Seminário temático anual e temas para a Assembleia Geral coincidente;
 - b) Património arquitectónico luso no mundo (uma hipótese mais abrangente seria o dos séculos XVI, XVII e XVIII, outra mais restrita e urgente seria sobre todas as principais obras do século XX, especialmente em África, dando prioridade ao levantamento iconográfico);
 - c) Promoção do livro de arquitectura em língua portuguesa;
 - d) Prémios CIALP de arquitectura;
 - e) Dicionário Terminológico de Arquitectura;
 - f) Promoção e divulgação do Boletim CIALP.
- 7. Em termos concretos estes objectivos devem ser prosseguidos pelo CIALP, e pela OA através deste, que é a entidade implantada e em funcionamento ainda que reduzido, lento e sincopado. Em termos operacionais cada grupo nacional deveria distribuir no seu seio responsabilidades por cada uma das linhas de acção acima referidas, devendo cada uma destas ter obrigatoriamente um dos patrocínios assumidos, inclusive da própria OA, ou apoios estatais, e desenvolver-se em consonância com a expressão desses apoios. As contribuições da OA para a comunidade de língua portuguesa no âmbito das linhas de acção b), c) e e) devem ser essencialmente nacionais porque este será o modo mais eficaz de funcionar e de captar patrocínios portugueses e contribuições oficiais. Para recorrer a apoios internacionais será provavelmente o oposto. Finalmente, recomenda-se que o CIALP promova uma boa articulação com outras organizações oficiais, semi-oficiais e privadas com sede em Lisboa, como é o caso, por exemplo, da CPLP, da UCLA e da Associação Portuguesa das Jornadas de Engenharia dos Países de Língua Oficial Portuguesa (APORJEL).
- 8. Esta proposta destina-se a colher opiniões dentro da OA mas pelo seu conteúdo são bem-vindas também todas as opiniões de colegas estrangeiros no âmbito do CIALP porque a melhor política para a Ordem é também aquela que obtiver um consenso favorável dos colegas de língua portuguesa.